

## **Kassanji!**

*J. Roberto Whitaker Penteadado*

Neste ano, a propaganda comemora o 75º aniversário da J. Walter Thompson - agência que, para muitos, foi uma verdadeira escola de propaganda, antes da ESPM - e também os 90 anos do nascimento de Renato Castelo Branco, profissional que tem seu nome ligado à JWT, como seu primeiro presidente brasileiro.

Lendo a respeito dessas efemérides importantes, encontrei referência ao patrocínio, pela Esso, Gillette e Souza Cruz, da Copa de 70 na TV - primeiro ano das transmissões diretas, ao vivo - que teve a intervenção das três maiores agências da época: McCann, Almap e JWT. Eu era contato da Gillette, na Almap.

Através desse caminho indireto, acabei lembrando-me de Stanley Chevalier, que conheci como supervisor da conta Souza Cruz, na Thompson, e que se tornou um amigo querido.

Stanley não deixou sua marca na propaganda brasileira, como Castelo, Julio Cosi ou Altino de Barros - também, protagonistas daquele episódio. Passou pela propaganda como passaram muitos - especialmente na minha geração e nas anteriores -, cuja vocação tinha mais a ver com as artes, a literatura ou a poesia, mas para quem o determinismo do mercado não reservava espaço nessas áreas.

Gostaria, talvez, de o ter conhecido um pouco antes, e sua família. Um irmão - Roniquito - já havia morrido e deixara reputação, no Rio de Janeiro, como um dos maiores e melhores "causeurs" da Zona Sul, capaz de tratar de qualquer assunto e fascinar sua audiência.

Outra irmã, Scarlet Moon Chevalier, é jornalista conhecida e leva consigo a marca de um nome inusitado - que não é apelido nem pseudônimo. E a avó iniciou-o na poesia de Garcia Lorca, de cujos versos era capaz de recitar longos trechos.

Generoso, Stanley deu-me o exemplar das obras completas do poeta, presente daquela avó, alegando que já conhecia quase tudo de cor e que eu faria melhor proveito. Foi, também, um dos primeiros professores da ESPM do Rio, não aceitando receber pelo trabalho, alegando que tinha um bom emprego na agência.

Minha história preferida de Stanley é uma em que conversava com um americano enviado pelo head office da agência e esse lhe perguntou:

- Não há regiões, no Brasil, onde se fala espanhol? Ele: - Não, senhor. - Mas só falam o português?, insistiu o gringo. Stanley: - Não, mister. Entre nós, muitas vezes, falamos Kassanji - pronunciando cada sílaba como se fosse uma batida de bongô. - Kassanji? admirou-se o americano. - Isso mesmo - e repetia, solene: Kassanji!

Pensava que tinha sido uma invenção marota do meu amigo. Mas subestimei a sua erudição. Anos mais tarde, li um texto de Rachel de Queiroz, em que a escritora falava do nosso idioma como "...esse caçanje, esses pronomes malpostos, essa língua que lhes revolta os ouvidos é a nossa língua e o nosso modo normal de expressão".

Está no Aurélio; a grafia pode ser caçanje ou cassange - e trata-se de uma região da Angola. Por contigüidade, virou um sinônimo pejorativo de português mal falado e mal escrito. Só o Stanley, para saber disso.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Kassanji! **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadado**, Rio de Janeiro, out. 2004. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=300&ID=231>>. Acesso em: 15 set. 2009.